

# Dr. Barros

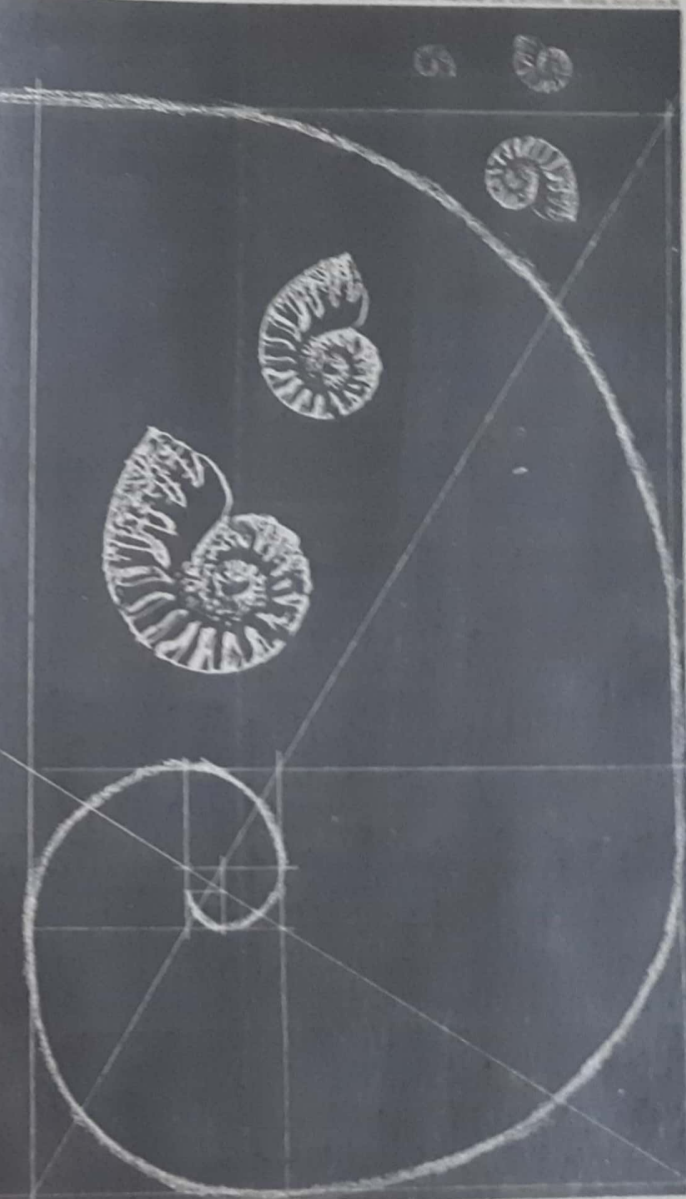
“Temos de moler o idioma para que ele não morra de clichês.  
Eu crio como quem lava roupa suja, dando porrada nas palavras”

CORREIO BRASILENSE  
APARECE

Brasília, domingo,  
3 de julho de 1987 7

Se no tranco do vento a lesma treme,  
no que sou de parede a mesma prega;  
se no fundo da concha a lesma freme,  
aos refolhos da carne ela se agrega;  
se nas abas da noite a lesma treva,  
no que em mim jaz de escuro ela se trava;  
se no meio da náusea a lesma gosma,  
no que sofro de musgo a cuja lasma;  
se no vinco da folha a lesma escuma,  
nas calçadas do poema a vaca empluma!

Harold Dr. Barros

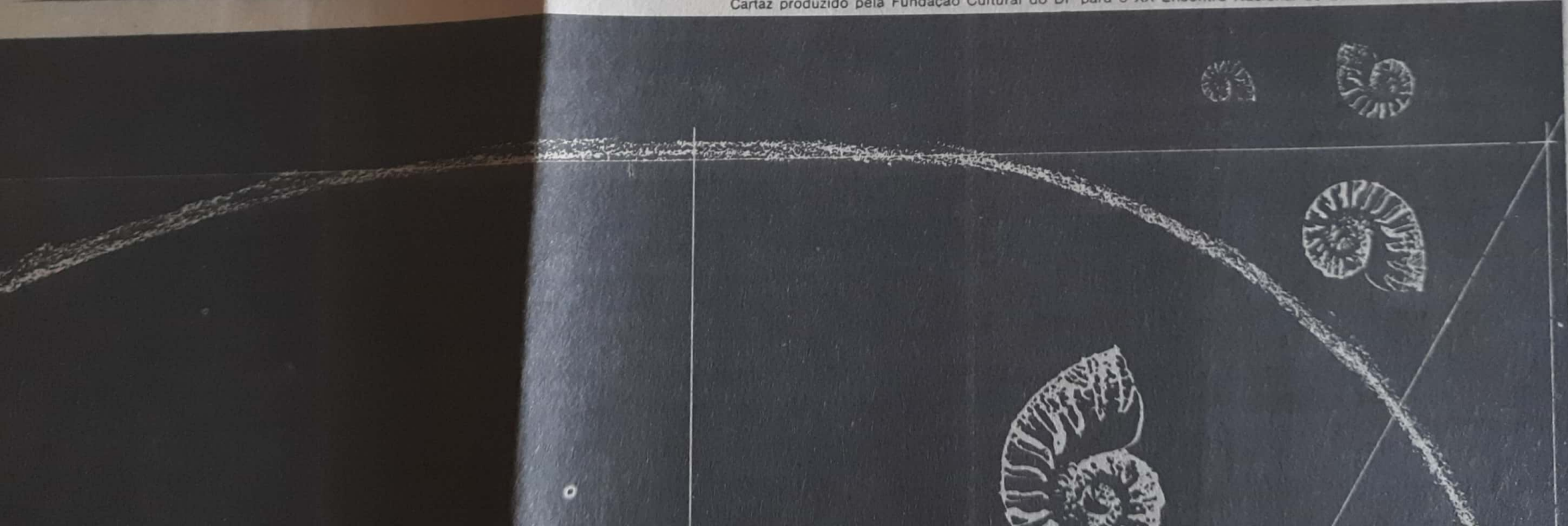


**“Temos de molecar o idioma para que ele não morra de clichês.  
Eu crio como quem lava roupa suja, dando porrada nas palavras”**

CORREIO BRAZILIENSE  
**APARTE**

*Brasília, domingo,  
5 de julho de 1987 7*

Cartaz produzido pela Fundação Cultural do DF para o XX Encontro Nacional de Escritores, Brasília, outubro de 86





"Me encanto com os palhaços que se aproveitam das bobagens para pungir as verdades. Entre o ordinário e o insigne prefiro o ordinário"

# O poeta-andarilho

RUI NOGUEIRA  
Subeditor de Cultura

**U**ma passagem de ida e volta a Paris, Londres ou Nova Iorque, com tudo pago, se você souber quem é Manoel de Barros. Uma dica: ele "apareceu" no programa de TV Pantanal — Os Caminhos Para a Sobrevivência levado ao ar pela Rede Manchete ano passado.

Você não sabe, mas pode ficar tranqüilo. Eu não sei, tu não sabes, ele não sabe, nós não sabemos, vós não sabeis, eles não sabem. Dos 130 milhões de brasileiros apenas zero vírgula zero, zero, zero, zero... sabem. Cada país tem a vergonha nacional que merece.

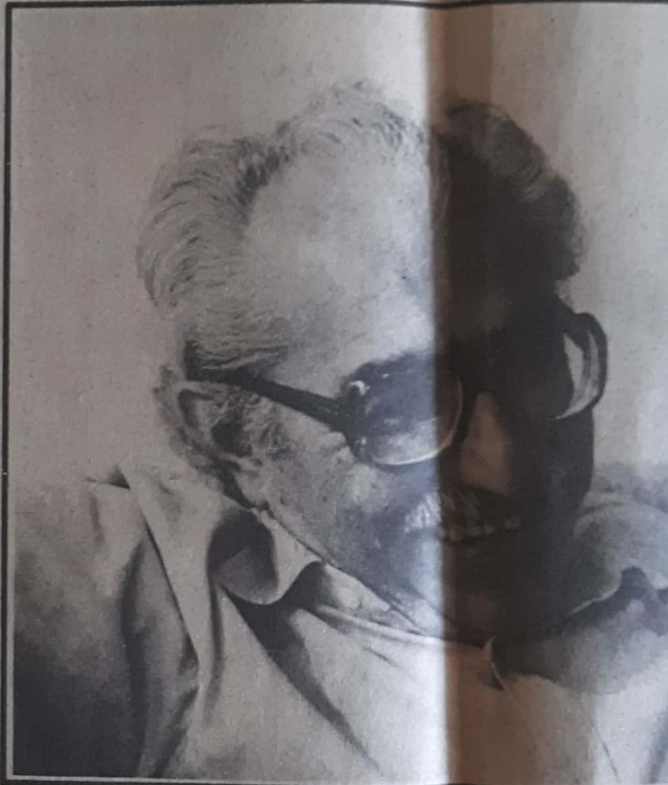
Em vez de uma viagem para uma dessas capitais do colonialismo cultural nosso de cada dia, podemos marcar uma passagem, só ida, para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para conhecer "esse tal de Manoel de Barros" que Carlos Drummond de Andrade considera "o maior poeta vivo do Brasil". E não é troca de gentilezas entre profissionais da palavra. Para satisfazer a curiosidade: no programa da TV Manchete sobre o Pantanal, Manoel de Barros teve três poemas incluídos pelo realizador Washington Novaes. Ninguém prestou muita atenção, afinal não se tratava de nenhum poeta "tchá". Também, quem manda ele viver em Campo Grande. Enquanto não inventarem o eixo Rio-São Paulo-Campo Grande, Manoel de Barros será sempre o "maior poeta esquecido" do Brasil. Já é qualquer coisa.

Mas Deus escreve direito por linhas tortas. Este mês começa a sair do papel a filmagem (veja boxe) do média metragem, em 35 milímetros, O Inviável Anonimato do Caramujo — Flor com roteiro e direção do cineasta Joel Pizzini que foi assistente de direção de Sílvio Back em A Guerra do Brasil e Mais Luz de Reinaldo Pinheiro. Pizzini trabalhou também no filme ainda inédito, O País dos Tenentes, de João Batista de Andrade, como quisador de Época e faz, atualmente, além de cuidar das filmagens do Inviável Anonimato, a pesquisa histórica do filme Vlado: O Caso Herzog, também de João Batista de Andrade.

O Inviável Anonimato do Caramujo — Flor foi um dos 13 projetos aprovados (eram mais de 200) no último concurso nacional promovido pela Embrafilme. Pelo concurso, o filme orçado em um milhão de cruzados terá parte dos custos bancados pela Embrafilme. As locações vão ser em Campo Grande e na Gruta do Lago Sul (Bonito), no Estado do Mato Grosso do Sul. Estão previstas também filmagens para o Rio (Copacabana) e interior de São Paulo.

Joel Pizzini se propôs a filmar uma vida e uma obra que são um "causo" só. Na boca do próprio Manoel de Barros, e num estilo

FOTO DE MARCELO BUAINAIN



Manoel de Barros: "Sou fuga para flauta e pedra doce/A

## "E preciso insanidade n

Esta entrevista tem uma história para ser contada. Em primeiro lugar é inédita. Em segundo lugar foi feita pela filha do próprio poeta. Manoel de Barros não gosta muito de dar entrevista, não gosta de falar para o público e em público. Para o público, ele escreve poemas. "A palavra falada não me recolhe, antes me deixa ao relento" diz ele. Mas pediu ao poeta que respondesse, por escrito, a algumas perguntas sobre a sua vida e obra. Resposta dele:

— Minha vida você conhece, não tem episódios edificantes e nem heróicos. Nada mencio-

perder o dormir está a perder o sono que é um l e portanto se esgotou d Enco, na que se encontra veia uma frase para sei la, mas tudo isso é tão vel nimir na parede. Só de outra maneira.

— Como é seu processo c MANOEL DE BARROS que lava roupa suja no do errada nas palavras que estou no ralo vai se comco. Depois é ir imi a. E a minha vida é su a. E se em seu ser. En da coisa pode saltar uma o ralo. Para a gente tem que t horizonte fica longe que i Um horizonte pardo como Também faz parte desse p sarar a cartilha. Sed prender errar a língua. E meu.



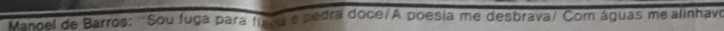
Esta entrevista tem uma história para ser contada. Em primeiro lugar é inédita. Em segundo lugar foi feita pela filha do próprio poeta. Manoel de Barros não gosta muito de dar entrevista, não gosta de falar para o público e em público. Para o público, ele escreve poemas. "A palavra falada não me recolhe, antes me deixa ao relento" diz ele. Mas ano passado Martha Barros pediu ao poeta que respondesse, por escrito, a algumas perguntas sobre a sua vida e obra. Resposta dele:

A entrevista na íntegra é esta:

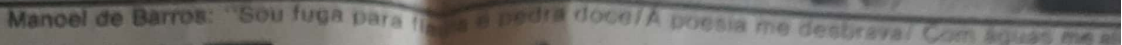
E, poye aqueles olhos meus  
Por el perderam o dormir  
A beleza se abre no segundo verso  
Por el perderam o dormir. Por que

MANOEL. Lata pedra rosa sapo nu  
palavras. Lata pedra rosa sapo nu  
vem — podem ser matéria de poesia  
so que as palavras assim, em estado  
de dicionário, não trazem a poesia o  
anti-poesia nelas, inerentes. O envio  
vimento emocional do poeta com e  
sas palavras e o tratamento artistic  
que lhes consiga dar —, isso que pode  
ra, a essência das palavras de poesia. O

om Car



Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner

Melhor deter o assunto.  
— Bom, disse Martha Bar-  
ros, mas tem uma coisa en-  
graçada no seu dia-a-dia. Di-  
zem que o senhor anda na rua  
falando sozinho. E isso é men-  
cionável.

— O que pode acontecer é  
que as pessoas não enxergam  
os meus interlocutores. Tem  
muita gente de vista curta. So-  
zinho eu falo com todos. Sou  
nisso um tanto plural.

Depois desta conversa  
passaram-se meses. Martha  
Barros se esqueceu do assunto  
e o poeta parecia nem ter liga-  
do. Mas ela tinha deixado no  
bolso do poeta uma folha com  
as perguntas. Um dia ele apa-  
receu com as respostas. “Me  
entregou um caderno com le-  
tras miudinhas. Botei na mi-  
nha sacola para ler em casa.  
Pensei nos seus 50 anos de poe-  
sia e achei oportuno publicá-  
las. Acho que presto um servi-  
ço aos leitores”. Contou na  
época Martha Barros.

A entrevista na íntegra é es-  
ta:

\*\*\*

MARTHA BARROS — Em poesia, é  
mais importante o assunto ou a forma  
de dizê-lo?

MANOEL DE BARROS — Tudo  
creio já foi pensado e dito por tantos e  
tontos. Ou quase tudo. Ou quase ton-  
tos. De modo que não há novidade de-  
baixo do sol — e isso também já foi di-  
to. “Os temas do mundo são pouco nu-  
merosos e os arranjos são infinitos”  
— falou Roland Barthes. Então, o que  
se pode fazer de melhor é dizer de ou-  
tra forma. Se for para tirar gosto poé-  
tico vai bem perverter a linguagem.  
Não bastam as licenças poéticas. Há  
que se ir às licenciocidades. Temos de  
molecar o idioma para que ele não  
morra de clichês. Subverter a sintaxe  
até a castidade. Isto quer dizer: até  
obter um texto casto. Um texto vir-  
gem que o tempo e o homem ainda  
não tanham espolegado ao ponto de  
banal. O nosso paladar de ler anda  
com tédio. É preciso propor novos en-  
laces para as palavras. Injetar insani-  
dade nos verbos para que transmitam  
aos nomes seus delírios.

Em Nunes Peres Sandeu, nas  
Cantigas dos Trovadores Medievais  
selecionadas por Clarice Berardinelli,  
encontro estes versos.

E, poye aqueles olhos meus

Por el perderam o dormir

A beleza se abre no segundo verso  
Por el perderam o dormir. Porque

sempre um ser escaleno. Daí que as  
imaginações nutridas em suas obras  
podem fazer retratos falsos dele. Al-  
guns até são louções mesmo. E se dis-  
geral por bares e prazeres. Porém no  
que carregam embrulhinhos de pão às  
6 horas da tarde pra casa, se encos-  
tam em árvores, puxam válvulas, etc.  
Mas tudo isso sem grandezas ou es-  
tandartes. Eles são mesmo gauches  
na vida, como diz o nosso caro Dru-  
mond.

Como vê a poesia mato-  
grossense?

MANOEL DE BARROS — A julgar  
pelos rapazes da revista *Mugido*, logo  
teremos uma excelente e renovadora  
poesia. Que se afastem os outros de  
dois perigos: a necroverbose dos aca-  
dêmicos e a exuberância da nossa na-  
tureza. (Não fosse aqui o Pantanal).  
Da necroverbose basta evitar contac-  
tos. E da exuberância da natureza  
basta ter cuidado para não se afogar  
em tanto natural. Quero dizer: é preci-  
so evitar o grave perigo de uma de-  
gustação contemplativa da natureza  
sem a menor comunhão do ente com o  
ser. Há o perigo de cair no superficial  
fotográfico, na pura cópia, sem aque-  
la surda transfiguração epifânica. A  
simples enumeração de bichos e plan-  
tas (jacarés carandá sariema, etc.)  
não transmite a essência do Pantanal.  
senão que apenas a sua aparência.  
Aos poetas é reservado transmitir a  
essência. Vem daí que é preciso hu-  
manizar as coisas e depois transfazê-  
las com versos.

— Acusam de alienada a sua poe-  
sia? Que acha disso?

MANOEL DE BARROS — Não sou  
alheio a nada. Não é preciso se falar  
de amor para se transmitir amor.  
Nem é preciso falar de dor para trans-  
mitir o seu grito. O que escrevo resul-  
ta de meus armazenamentos ance-  
strais e de meus envolvimento com a  
vida. Sou filho e neto de bugres anda-  
rejos e portugueses melancólicos. Mi-  
nha infância levei com árvores e bi-  
chos do chão. Essa mistura jogada de-  
pois na grande cidade deu borá: um  
mel sujo e amargo. Se alguma pala-  
vra minha não brotar desse substrato,  
morrerá seca. “As correntes subter-  
râneas que atravessam o poeta, trans-  
parecem no seu lirismo”, disse Theo-  
doro Adorno. E disse mais: “Bau-  
delaire foi mais fiel ao apelo das massas  
do que toda a poesia gente-pobre de  
nossos tempos”. Falo comparando.

— Qual a matéria da poesia?

MANOEL DE BARROS — Todas as  
palavras. Lata pedra rosa sapo nu-  
vem — podem ser matéria de poesia.  
So que as palavras assim, em estado  
de dicionário, não trazem a poesia ou  
anti-poesia nelas, inerentes. O envol-  
vimento emocional do poeta com es-  
sas palavras e o tratamento artístico  
que lhes consiga dar —, isso que pode-  
rá fazer delas matéria de poesia. Ou

promis-  
talvez  
de ser-  
cia ani-  
A lasc-  
o perf-  
preend-  
Poeta  
lectual  
sensua-  
eu-te-a-  
ta desi-  
dias co-  
os tont-

— (Por qu-  
MAN-  
eu gos-  
vras. E  
lhe. Ar-  
jeito q-  
lando;  
da não-  
orgulho  
o verso  
feição-  
notisa-  
ção me-  
na sar-  
jeta ler-

— E-  
MA-  
que em-  
as pena-  
ontem.  
tem un-  
poesia-  
que me-  
re. E o-  
remast-  
sonho e  
pedra a-  
em ada-  
onde n-

elenc-  
todos.  
mum-  
Está-  
O Inv-  
Flor-  
Espín-  
Satter-  
laban-  
querq-  
A pi-  
de di-  
trabal-  
ção er-  
Amar-  
Berlin-  
ra pro-  
de Do-  
Balza-  
Mulhe-

# lho do Pantanal



...e pedra doce/A poesia me desbrava/ Com águas me alinhavo

## eciso injetar de nos verbos”

de o dormir está no lugar de  
de e sono que é um lugar comum  
omato se esgotou de expressar.  
a na que se encontrar a primeira  
de uma frase para ser-se poeta ne-  
do tudo isso é tão velho como me-  
ntar na parede. Só que foi dito  
da maneira.

...é seu processo de criação?

**MANOEL DE BARROS** — Como  
uma roupa suja no tanque dan-  
çada nas palavras. A espuma  
nossa no ralo vai ser boa para o  
...Depois é ir imitando os ca-

não fazer. Mas isso também já era em  
Aristóteles. Pra quem me achico.

— Quais os seus autores preferidos?

**MANOEL DE BARROS** — Me agra-  
dam mais aqueles que se atrevem do  
que aqueles que se atêm. Me encanto  
com os palhaços que se aproveitam  
das bobagens para pungir as verda-  
des. Vou mais com o som áspero das  
cigarras do que com as melodias ce-  
lestiais. Entre o ordinário e o insigne  
prefiro o ordinário. Gosto dos loucos  
de água e estandarte. Aqueles que ur-

**M**anoel de Barros não é um literato.  
Literato costuma fazer carreira lite-  
rária, insere seu trabalho sobre uma  
linhagem de autores e escritores do passa-  
do, pertence a um grupo, a uma tendência.  
Entre a vida, o cotidiano, a paisagem e o  
que ele escreve o relacionamento se faz  
através de conceitos de intelecto. Manoel  
de Barros retira seu vocabulário, sua sinta-  
xe, seu idioma do cerne da matéria, da rea-  
lidade mais profunda do corpo aquoso da  
terra. Ele se trabalha quando trabalha um  
texto e a natureza trabalha nele o ócio e o  
prazer da vida em germinação. O resultado  
é um poema único, sem linhagem, de textu-  
ra e fatura tão intrinsecamente pessoais  
que estouram os limites dele enquanto in-  
divíduo e se fundem com a própria ambiên-  
cia pantanal. Um pântano que se universa-  
liza e nos engole, nos afoga, nos enlameia  
de mel e seda.

A alta sofisticação dos textos de Manoel  
de Barros é formada e informada por um  
selvática, bárbara, religiosa e filosófica vi-  
são cosmológica”.

**REYNALDO JARDIM**

Diretor Executivo da Fundação Cultural-  
DF

**A**companho a poesia de Manoel de  
Barros humildemente: recebo-a co-  
mo se em estado de graça, me com-  
prazo com ela e — por instantes graças a  
ela — me comprazo com o mundo e até co-  
migo. Acompanho esta poesia — desse sul-  
matogrossense que por tantos anos viveu  
no Rio de Janeiro sem jamais dessul-mato-  
grossizar-se —, acompanho sua poesia há  
muito tempo. E não conheço poesia que  
desconfie tanto de si mesma e poeta que  
desconfie tanto de si mesmo”. Eis que os  
ismos classificatórios, mesmo combinados,  
não me satisfazem, no que se referem à  
poesia de Manoel de Barros: surrealismo,  
sim, telurismo, sim, ingenuismo, sim, des-  
pistismo, sim, plebeísmo, sim, aristocrati-  
smo, sim, imagismo, sim, sinestesismo,  
sim, um hipersanfranciscanismo tão pró-  
prio que permite invocar as florecinhas do  
santo sem lhes ser tributário. E poesia que  
abre seu lugar próprio em seu próprio terri-  
tório sob sol próprio e sua própria paisa-  
gem física e moral e verbal e estética, em  
que há um humilde (e sábio) demiurgo”.

**ANTÔNIO HOUAISS**

Escritor, no prefácio do livro *Arranjos  
para Assobio*

**N**o Brasil é muito raro os donos do po-  
der artístico-intelectual  
descobrirem alguém. Ficam senta-  
dões, na sua, e se deixam assaltar pela oca-  
sionalidade do que, nos corredores, insis-  
tem, se promovem, se oferecem — até fisi-  
camente. Daí a vasta mediocridade de nos-  
so mundo intelectual ostensivo, enquanto  
um sem-número de talentos jamais tem  
oportunidade.

Estou apresentando hoje, a vocês, um  
poeta, Manoel de Barros, de Mato Grosso.

a doce/A poesia me desbrava/ Com águas me alinhavo

# so injetar nos verbos"

... está no lugar de  
... é um lugar comum  
... esgotou de expressar.  
... encontrar a primeira  
... para ser-se poeta ne-  
... é tão velho como me-  
... arede. Só que foi dito  
... a.

... processo de criação?  
... BARROS — Como  
... a suja no tanque dan-  
... palavras. A escuma  
... do vai ser boa para o  
... é ir imitando os ca-  
... edra sendo lata sendo  
... alavras de nascer  
... seu ser. Então no meio  
... altar uma chave ou um  
... e tem que trabalhar. O  
... longe que nem se vê.  
... ardo como os curdos.  
... rte desse processo de-  
... rtilha. Seduz-me rea-  
... a língua. Eis um lado

... leram os seus poe-  
... e perguntam se o se-  
... oução. Como explicar

... BARROS — Poeta é  
... escaleno. Dai que as  
... tridas em suas obras  
... ratos falsos dele. Al-  
... ções mesmo. E se dis-  
... e prazeres. Porém no  
... são pessoas comuns  
... nbrulhinhos de pão às  
... e pra casa, se encos-  
... puxam válvulas, etc.  
... em grandezas ou es-  
... são mesmo gauches  
... liz o nosso caro Dru-

... a poesia mato-

... BARROS — A julgar  
... revista Mugido, logo  
... celente e renovadora  
... fastem os outros de  
... ecoverbose dos aca-  
... erância da nossa na-  
... se aqui o Pantanal).  
... basta evitar contac-  
... erância da natureza  
... o para não se afogar  
... Quero dizer: é preci-  
... e perigo de uma de-  
... plativa da natureza  
... unhão do ente com o  
... le cair no superficial  
... ura cópia, sem aque-  
... ração epifânica. A  
... ção de bichos e plan-  
... andá sarlema, etc)  
... ssência do Pantanal,  
... s a sua aparência.  
... ervado transmitir a  
... ai que é preciso hu-  
... e depois transfazê-

... allenada a sua poe-  
... o?

... BARROS — Não sou  
... o é preciso se falar  
... e transmitir amor.  
... ar de dor para trans-  
... O que escrevo resul-  
... azenamentos ances-  
... olvimentos com a

... não fazer. Mas isso também já era em  
... Aristóteles. Pra quem me achico.

— Quais os seus autores preferidos?

... MANOEL DE BARROS — Me agra-  
... dam mais aqueles que se atrevem do  
... que aqueles que se atêm. Me encanto  
... com os palhaços que se aproveitam  
... das bobagens para pungir as verda-  
... des. Vou mais com o som áspero das  
... cigarras do que com as melodias ce-  
... lestiais. Entre o ordinário e o insigne  
... prefiro o ordinário. Gosto dos loucos  
... de água e estandarte. Aqueles que  
... uram de indignação prefiro aos dobra-  
... dicos. Os que renovam a escrita prefiro  
... aos que a repisam. Aqueles que  
... mudam os dedos do jogo resgatam os  
... meus goros. Nesse sentido sou fanfã  
... de Cristo, Rimbaud, Klee, Pessoa,  
... Chaplin, Guimarães Rosa, Woody Al-  
... len, Millôr, Dalton Trevisan — entre  
... outros.

— "Poesia não é para compreender;  
... mas para incorporar". Pode explicar  
... melhor esse seu verso?

... MANOEL DE BARROS — Porque é  
... nos sentidos que a poesia tem fonte.  
... Além do mais esse é um verso, não é  
... uma sentença. Poeta não tem com-  
... promisso com a verdade, senão que  
... talvez com a verossimilhança. Não há  
... de ser com a razão mas com a inocên-  
... cia animal que se enfrenta um poema.  
... A lascívia é vermelha, o desejo arde,  
... o perfume erica. Tem que se com-  
... preender isso? Ou apenas sentir?  
... Poeta não é necessariamente um in-  
... tellectual; mas é necessariamente um  
... sensual. Pois não é ele quem diz  
... eu-te-amo para todas as coisas? E es-  
... ta desexplicação pode não fazer mé-  
... dias com os estatísticos, mas faz com  
... os tontos.

— O senhor não fala em público.  
... Por quê?

... MANOEL DE BARROS — Porque  
... eu gosto de ser recolhido pelas pala-  
... vras. E a palavra falada não me reco-  
... lhe. Antes, até me deixa ao relento. O  
... jeito que eu tenho de me ser não é fa-  
... lando; mas escrevendo. Palavra fala-  
... da não é capaz de perfeito. E eu tenho  
... orgulho de querer ser perfeito. Assim,  
... o verso de Felipe de Oliveira: "A per-  
... felção e o orgulho de pecar", me hip-  
... notisa e me desvela. E esta dissimula-  
... ção me esconde como um pé de sapato  
... na sarjeta. (Um pé de sapato na sar-  
... jeta lembra mais o seu pobre dono).

— Está compondo outro livro?

... MANOEL DE BARROS — Creio  
... que embromo um descanto. Mudando  
... as penas de hoje para outras iguais de  
... ontem. O tal negócio de que poeta só  
... tem um tema: ele mesmo. Não fosse  
... poesia a sagração do eu. De forma  
... que me repito como sombra de árvo-  
... re. E o que seria um livro novo é pura  
... remastigação. O poeta que hoje me  
... sonho está sentado em cima de uma  
... pedra à beira de um rio escrevendo  
... em adâmico. Sub-existe ele por reinos  
... onde nada acontece.

... prazo com ela e — por instantes graças a  
... ela — me comprazo com o mundo e até co-  
... migo. Acompanho esta poesia — desse sui-  
... matogrossense que por tantos anos viveu  
... no Rio de Janeiro sem jamais dessul-mato-  
... grossizar-se —, acompanho sua poesia há  
... muito tempo. E não conheço poesia que  
... desconfie tanto de si mesma e poeta que  
... desconfie tanto de si mesmo". ... Eis que os  
... lismos classificatórios, mesmo combinados,  
... não me satisfazem, no que se referem à  
... poesia de Manoel de Barros: surrealismo,  
... sim, telurismo, sim, ingenuismo, sim, des-  
... pistismo, sim, plebeísmo, sim, aristocrati-  
... smo, sim, imagismo, sim, sinestesia, sim,  
... sim, um hipersanfranciscanismo tão pró-  
... prio que permite invocar as florezinhas do  
... santo sem lhes ser tributário. E poesia que  
... abre seu lugar próprio em seu próprio terri-  
... tório sob sol próprio e sua própria paisa-  
... gem física e moral e verbal e estética, em  
... que há um humilde (e sábio) demijurgo".

ANTONIO HOUAISS

Escritor, no prefácio do livro *Arranjos para Assobio*

N o Brasil é muito raro os donos do po-  
... der artístico-intelectual  
... descobrirem ninguém. Ficam senta-  
... dões, na sua, e se deixam assaltar pela oca-  
... sionalidade do que, nos corredores, insis-  
... tem, se promovem, se oferecem — até fisi-  
... camente. Dai a vasta mediocridade de nos-  
... so mundo intelectual ostensivo, enquanto  
... um sem-número de talentos jamais tem  
... oportunidade.

Estou apresentando hoje, a vocês, um  
... poeta, Manoel de Barros, de Mato Grosso  
... do Sul. Não é um novato. De vida tem mais  
... de 60 anos. De poesia, o dobro. Há dois anos  
... fiz a capa de um livrinho seu, admirável:  
... *Arranjos Para Assobio*. Dois anos! Fiquei  
... esperando que a mídia se manifestasse.  
... Que escritores especializados se manis-  
... tassem. O Suplemento Literário de Minas  
... Gerais (honra ao jornal) deu duas notas,  
... elogiando. Foi só. "Não é um país sério" —  
... já dizia o narigudo francês".

MILLÔR FERNANDES

na revista *IstoÉ* de 3 de outubro de 1984

E ste Manoel de Barros, mistura mo-  
... numental de construtor subversivo,  
... bandido, anjo e So Francisco de As-  
... sis, poeta talvez concebido sem pecado ou  
... com todos eles... é o maior poeta brasileiro  
... vivo. Pelo que se vê ao se ler, esse bruxo in-  
... veterado sabe conversar com os bichos do  
... Pantanal Mato-grossense. Sua alma e seu  
... corpo vivem pregados ao chão de lá e pouco  
... se lhes dá se a comunidade litero-artística  
... do eixo Rio-São Paulo não descobre o gosto,  
... o cheiro, a cor, o som de sua poesia. De vez  
... em quando ele aparece, esquivo, aqui pela  
... cidade grande, como um peixe grelhado e  
... foge depressinha para o mato, onde conti-  
... nua em seu silêncio que sabe ouvir lesmas e  
... toca o finíssimo e continuado trabalho. Ao  
... que chama com humildade humilhante, de  
... inutensílio".

JOÃO ANTONIO

Escritor, autor de *Casa dos Loucos, Ma-  
... lhação de Judas Carioca e Malagueta, Pe-  
... rus e Bacanaço*

M anoel de Barros, figura singular e  
... plural, é um dos maiores poetas bra-  
... sileiros, embora ainda pouco conhe-  
... cido pelo público. Bastará lê-lo uma vez pa-  
... ra que os leitores se disponham a  
... acompanhá-lo sempre na ventura de despir  
... as palavras e as coisas de suas dimensões  
... lineares, o que lhes revelará os insuspeitos  
... universos que ela contém".

ENIO SILVEIRA

Escritor e Editor

C usta crer que tanta inventiva, tanta  
... força verbal, tanto colorido brasilei-  
... ro tenham jazido todo esse tempo no  
... escuro. Tanta luz no escuro! Um poeta as-  
... sim permanecer tão desconhecido, tão se-  
... creto, ignorado até mesmo pelos nossos es-  
... pecialistas? Oh meus patricios, leiam a  
... poesia de Manoel de Barros. Ainda é tempo  
... de fruir. "A vida de um menino do mato  
... sem importância".

ISMAEL CARDIM

Escritor

O Inviável Anonimato

nos sentida que a poesia tem fonte. Além do mais esse é um verso, não é uma sentença. Poeta não tem compromisso com a verdade, senão que talvez com a verossimilhança. Não há de ser com a razão mas com a inocência animal que se enfrenta um poema. A lascívia é vermelha, o desejo arde, o perfume erica. Tem que se compreender isso? Ou apenas sentir? Poeta não é necessariamente um intelectual; mas é necessariamente um sensual. Pois não é ele quem diz eu-te-amo para todas as coisas? E esta desexplicação pode não fazer médias com os estatísticos, mas faz com os tontos.

— O senhor não fala em público. Por quê?

**MANOEL DE BARROS** — Porque eu gosto de ser recolhido pelas palavras. E a palavra falada não me recolhe. Antes, até me deixa ao relento. O jeito que eu tenho de me ser não é falando; mas escrevendo. Palavra falada não é capaz de perfeito. E eu tenho orgulho de querer ser perfeito. Assim, o verso de Felipe de Oliveira: "A perfeição e o orgulho de pecar", me hipnotiza e me desvela. E esta dissimulação me esconde como um pé de sapato na sarjeta. (Um pé de sapato na sarjeta lembra mais o seu pobre dono).

— Está compondo outro livro?

**MANOEL DE BARROS** — Creio que embromo um descanto. Mudando as penas de hoje para outras iguais de ontem. O tal negócio de que poeta só tem um tema: ele mesmo. Não fosse poesia a sagração do eu. De forma que me repito como sombra de árvore. E o que seria um livro novo é pura remastigação. O poeta que hoje me sonho está sentado em cima de uma pedra à beira de um rio escrevendo em adâmico. Sub-existe ele por reinos onde nada acontece.

Enigmático de construtor subversivo, bandido, anjo e So Francisco de Assis, poeta talvez concebido sem pecado ou com todos eles... é o maior poeta brasileiro vivo. Pelo que se vê ao se ler, esse bruxo inveterado sabe conversar com os bichos do Pantanal Mato-grossense. Sua alma e seu corpo vivem pregados ao chão de lá e pouco se lhes dá se a comunidade litero-artística do eixo Rio-São Paulo não descobre o gosto, o cheiro, a cor, o som de sua poesia. De vez em quando ele aparece, esquivo, aqui pela cidade grande, como um peixe grelhado e foge depressinha para o mato, onde continua em seu silêncio que sabe ouvir lemas e toca o finíssimo e continuado trabalho. Ao que chama com humildade humilhante, de "inutilidade".

**JOÃO ANTONIO**

Escritor, autor de *Casa dos Loucos*, *Malhação de Judas Carloca* e *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*

**M**anoel de Barros, figura singular e plural, é um dos maiores poetas brasileiros, embora ainda pouco conhecido pelo público. Bastará lê-lo uma vez para que os leitores se disponham a acompanhá-lo sempre na ventura de despir as palavras e as coisas de suas dimensões lineares, o que lhes revelará os insuspeitos universos que ela contém".

**ENIO SILVEIRA**  
Escritor e Editor

**C**usta crer que tanta inventiva, tanta força verbal, tanto colorido brasileiro tenham jazido todo esse tempo no escuro. Tanta luz no escuro! Um poeta assim permanecer tão desconhecido, tão secreto, ignorado até mesmo pelos nossos especialistas? Oh meus patricios, leiam a poesia de Manoel de Barros. Ainda é tempo de fruir. "A vida de um menino do mato sem importância".

**ISMAEL CARDIM**  
Escritor

## O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor

**O** filme de Joel Pizzini que começa a ser rodado agora em julho vai reunir um elenco de nomes muito especiais e, todos, com uma característica comum: nasceram no Mato Grosso. Está confirmada a participação em *O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor* de Ney Matogrosso, Tetê Espíndola, Rubens Correa, Almir Satter, Jayme Del Cuetto, Aracy Balabanian, Ney Latorraca, Ivan Albuquerque e Humberto Espíndola.

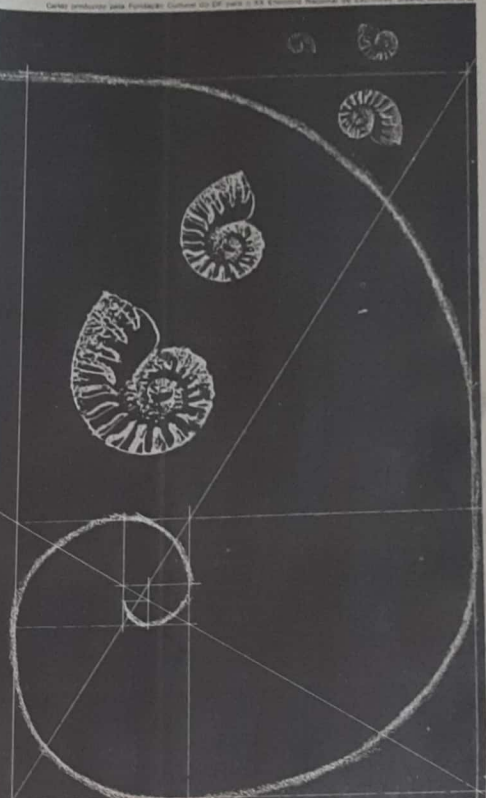
A produtora executiva e assistente de direção é Eliane Bandeira que trabalhou como diretora de produção em *A Hora da Estrela* de Suzana Amaral, premiada no Festival de Berlim e de Brasília. Eliane Bandeira produziu e dirigiu os filmes: *Vida de Doméstica*, *E Menino ou Menina*, *Balzaquilanas*, *A Terceira Idade* e *Mulher Índia*. A produção em Mato

Grosso do Sul ficou a cargo de Sandra Menezes que dirigiu o vídeo *Alma em Revista*, apresentado em maio em Brasília durante o Levante Centro-Oeste e concorrente nos Festivais de Roma e Barcelona. Sandra Menezes foi assistente de produção no filme *Comitiva Esperança, Viagem Através do Pantanal*, de Wagner Carvalho.

A direção de Fotografia do *Inviável Anonimato* é de Pedro Farkas (*Rei da Vela*, *Inocência*, *A Lenda do Boto*, *A Marvada Carne*, *Cinema Falado*), o técnico de som, Geraldo Ribeiro (*Das Tripas Coração*, *Jango*, *Anos JK*, *Cêu Aberto*, *O País dos Tenentes*, *Asa Branca*, *Frei Tito* e a direção de produção de Maria Madalena Ionesco (*Janete*, *A Hora da Estrela*, *Filme Demência*, *Brasa Adormecida*, *A Longa Viagem* e *Cidade Oculta*).

Se no tranco do vento a lesma treme,  
no que sou de parede a mesma prega;  
se no fundo da concha a lesma freme,  
aos refolhos da carne ela se agrega;  
se nas abas da noite a lesma treva,  
no que em mim jaz de escuro ela se trava;  
se no meio da náusea a lesma gosma,  
no que sofro de musgo a cuja lasma;  
se no vinco da folha a lesma escuma,  
nas calçadas do poema a vaca empluma!

Manoel de Barros



## A obra do poeta

POEMAS CONCEBIDOS SEM PECADO  
Editora do autor, 1937

FACE IMÓVEL  
Editora Século XX (RJ), 1942

POESIAS  
Editora Irmãos Pongetti (RJ), 1956

COMPÊNDIO PARA USO DOS PASSAROS  
Livreria São José Editora (RJ), 1961

GRAMÁTICA EXPOSITIVA DO CHÃO  
Editora Tardos (RJ), 1968

MATÉRIA DE POESIA  
Livreria São José Editora (RJ), 1974

ARRANJOS PARA ASSÓRIO  
Editora Civilização Brasileira (RJ), 1982

LIVRO DE PRÉ-COISAS  
Editora Philobiblion (RJ), Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 1985

“Estes livros estão esgotados. O primeiro texto publicado, de Manoel de Barros, foi uma crônica que se chamava Mano e apareceu em 1932 no Boletim de Nhequidemia. No mesmo boletim apareceu também o soneto Bugrinha. O primeiro livro (Poemas Concebidos Sem Pecado) teve um lançamento com o nome Cabeludinho

## Sabiá Com Trevas

### Fragmento - IX

O poema é antes de tudo um inutilíssimo

Hora de iniciar algum

convém se vestir roupa de trapo.

Há quem se jogue debaixo de carro

nos primeiros instantes.

Faz bem uma janela aberta

Uma vela aberta.

Pra mim é uma coisa que serve de nada o poema

Enquanto vida houver.

Ninguém é pai de um poema se morrer

## Retrato Quase Apagado,

### Onde se pode

## Ver Perfeitamente o Nada

Não tenho bens de aconlecimentos.  
Sou um sujeito pegador de imagens.  
Entesouro frases.  
Se poesia é a ocupação do ser pela imagem  
Sou um homem ocupadíssimo. Porém  
Se poesia é a ocupação das palavras pela  
imagem

Tenho de dar ênfase ao vazio o tempo todo.  
(Pensar é uma pedra. Estou sendo!)  
Às vezes de noite nasce na aba de meu chapéu  
um pé de árvore

Estou com certeza e vegetal.  
Mas vivo atualmente em petição de pedra

## Ficar em Casa

Aves na chuva com pedras  
Alcanço com as mãos o cheiro das ruas  
molhadas  
Com rutilâncias tensas —  
lagartixas  
embrassam nossas paredes  
Passam baratas velhas, de já quase 4 asas  
nas fôrmas de béisbol  
arrastando seus lençóis garços...  
Meninos se encostaram nas árvores reitantes  
libélulas —  
com vibrissas de touro  
inquietam os rumos  
Pulam sapos andr-oginos dos urtigais  
Me penso no silêncio líquido  
com que as águas escurecem  
as pedras

## O Peixe-Cachorro

Era um peixe esquisito pra cachorro:  
Cruza de sã-sã com cobra d'água? Ou  
Simplesmente cachorro de indumentos?

Era muito esquisito pra peixe  
E pra cachorro lhe faltava andalme.  
Uma feição com boca de curimba  
E o traseiro arrumado para entrega.

Se peixe, o rabo empresta ao liso campo  
Um andar de moreia atravancada.  
Sendo cachorro não arranca a espada?

Difícil de acelar esse estrupício  
Como um peixe, ainda que nade.  
Pra cachorro não cabe no possível.

De tarde, imbuído de lodo, ia sentar-se no banco  
do jarim. Diminuíram o seu jardim de 40 roseiras  
e uns vermes!

Lesmava debaixo dos bancos. O homem  
sentia-se em ruínas: um lanho em vez de torso era  
sua melatória.

As ruínas se serviam  
para guardar civilizações e bosta de sapo.  
Amava caracóis pregados em palavras.

Cortazar conta que quando alguma expressão  
lhe queria soar, ele a camuflava. Assim,  
espectador ativo, virou Hespertador Hativo.  
Com essas tratativas de HII, aquele lugar  
comum não lhe sajava mais.

Bicho acostumado na toca, encega com estrela.

Os gritos dos olhos sujos se criam nos armazéns.

Eu havia de pedir desculpas sobre a  
esperança. Saberes que pesavam malvas.  
Estreco fumante. O sangue escuro como um  
corte ácido de vaso de uma res. Tudo me  
perturbava. E mais abaixo, sobre o estrado da  
cama, aquele cheiro de sol na boca  
atortentada de uma fêmea.

Formiga de bunda principal em pé de fedegoso  
anda entortada.

Marandós de enstam, com seu corpo de san-  
fona, a andar em telhas.

## Pequena História Natural

### A Nossa Garça

Penso que têm nostalgia de mar estas garças  
pantaneiras. São viúvas de Xaraies? Alguma  
coisa em azul e profundidade lhes foi arrancada.  
Há uma sombra de dor em seus vãos. Assim,  
quando vão de regresso aos seus ninhos, enchem  
de entardecer os campos e os homens.

Sobre a dor dessa ave há uma outra versão,  
que eu sei. E a de não ser ela uma ave canora.  
Pois que só grana — como quem rasga uma  
palavra.

De cantos portanto não é que se faz a beleza  
desses pássaros. Mas de cores e movimentos.  
Lembram Modigliani. Produzem no céu  
iluminações. E propõem esculturas no ar.  
A Elegância e o Branco devem muito às  
garças.

Chegam de onde a beleza nasceu?  
Nos seus olhos nublados eu vejo a flora dos  
corixos. Insetos de camalotes flocam de suas  
rêmiges. E andam pregados em suas carnes  
larvas de sapos.

Aquela sua vó adquiriu raízes de brejo. Sua arte  
de ver caracóis nos escuros da lama é um dom  
de brancura.

A força de brancuras a garça se escora em  
versos com lodo?

(Acho que estou querendo ver coisas demais  
nestas garças. Insinuando contrastes (ou  
conciliações?) entre o puro e o impuro, etc. etc.  
Não estarei impregnando de peste humana esses  
passarinhos? Que Deus os livre!)

### De Quati

Aparece um quati escoteiro. De certo  
perseguido de cachorro. No chão é ente  
insuficiente o quati. Imita ser baleado. O rabo  
desequilibra de tanto rente na terra.  
Agora, se alcança árvore, quati arma banze.  
Arreganha. Monta episódio. E ate chinga  
cachorro.

Igual é o tamandua. Fora do mato, no limpo,  
tamandua nega encrenca. Porém se encontra  
zamboda, vira gente. E desafia cachorro,  
onca pintada, tenente.

### O quero-quero

Natureza será que preparou o quero-quero para  
o mistério de avisar? No meio-dia se você estiver  
fazendo sesta completa, ele interrompe. Se está  
o vaqueiro armando laço por perto, em lugar  
desproprio, ele bronca. Se está o menino  
cacando inseto no brejo, ele grila naquele som  
arrendado que tem parte com arara. Defende-  
se como touro. E faz denúncias como um  
senador romano.

Quero-quero tem uma vida obedecida,  
contida. Ele cumpre Jesus. Cada dia com sua  
terfeia. Tempo de comer é tempo de comer.  
Tempo de criar, de criar.

E pássaro mais de amar que de trabalhar. (...)



## A obra do poeta

**POEMAS CONCEBIDOS SEM  
PECADO**  
Editora do autor, 1937

**FACE IMÓVEL**  
Editora Século XX (RJ), 1942

**POESIAS**  
Editora Irmãos Pongetti (RJ),  
1956

**COMPENDIO PARA USO DOS  
PASSAROS**  
Livreria São José Editora  
(RJ) 1961

**GRAMÁTICA EXPOSITIVA  
DO CHÃO**  
Editora Tordos (RJ), 1969

**MATÉRIA DE POESIA**  
Livreria São José Editora  
(RJ), 1974

**ARRANJOS PARA ASSOBO**  
Editora Civilização Brasileira  
(RJ), 1982

**LIVRO DE PRÉ-COISAS**  
Editora Philobiblion (RJ),  
Fundação de Cultura de Mato  
Grosso do Sul, 1985

\*\*\*Estes livros estão esgota-  
dos.

O primeiro texto publicado,  
de Manoel de Barros, foi uma  
crônica que se chamava Mano  
e apareceu em 1932 no Boletim  
de Nhecolândia. No mesmo bo-  
letim apareceu também o so-  
neto Bugrinha. O primeiro li-  
vro (Poemas Concebidos Sem  
Pecado) teve um lançamento  
com o nome Cabeludinho.

## Sabiá Com Trevas

### Fragmento - IX

O poema é antes de tudo um inutilíssimo

Hora de iniciar algum

convém se vestir roupa de trapo.

Há quem se jogue debaixo de carro

nos primeiros instantes.

Faz bem uma janela aberta

Uma vela aberta.

Pra mim é uma coisa que serve de nada o poema

Enquanto vida houver.

Ninguém é pai de um poema se morrer.

## Retrato Quase Apagado,

## Onde se pode

## Ver Perfeitamente o Nada

Não tenho bens de acontecimentos.

Sou um sujeito pegador de imagens.

Entesouro frases.

Se poesia é a ocupação do ser pela imagem

Sou um homem ocupadíssimo. Porém

Se poesia é a ocupação das palavras pela  
imagem

Tenho de dar ênfase ao vazio o tempo todo.

(Pensar é uma pedreira. Estou sendo!)

As vezes de noite nasce na aba de meu chapéu  
um pé de árvore

Estou com certeza e vegetal.

Mas vivo atualmente em petição de pedra

## Ficar em Casa

Aves na chuva com pedras

Alcanço com as mãos o chelo das ruas  
molhadas

Com rutilâncias tensas —

lagartixas

embrassam nossas paredes

Passeiam baratas velhas, de já quase 4 asas

nas fôrmas de bolo

arrastando seus lençois garços...

Meninos se encostaram nas árvores reluzentes

libélulas —

com vibrissas de touro

inquietam os rumos

Pulam sapos andr-oginos dos urtigais

Me penso no silêncio líquido

com que as águas escurecem

as pedras

## O Poeta

Era um  
Cruza de  
Filho de  
Simples

Era mu  
E pra ca  
Uma fei  
E o trase

Se peixe,  
Um anda  
Sendo ca

Difícil de  
Como um  
Pra cach

De tarde,  
do jarim,  
e uns verr

Lesmava  
sentia-se  
sua metá

As ruínas  
para guar  
Amava ca

Cortazar  
lhe queria  
espectado  
Com essa  
comum n

Bicho acos

Os grilos d

Eu havia  
esperança  
Esterco fu  
corte ácid  
perturbava  
cama, aqu  
atorment

Formiga d  
anda entor

Marandová  
fona, a anda

## O Peixe-Cachorro

Era um peixe esquisito pra cachorro:  
Cruza de homem com tapera?  
Filho de Jacaré com cobra d'água? Ou  
Simplesmente cachorro de indumentos?

Era muito esquisito para peixe  
E pra cachorro lhe faltava andalme.  
Uma feição com boca de curimba  
E o traseiro arrumado para entrega.

Se peixe, o rabo empresta ao liso campo  
Um andar de moréia atravancada.  
Sendo cachorro não arranca a espada?

Difícil de aceitar esse estrupício  
Como um peixe, ainda que nade.  
Pra cachorro não cabe no possível.

\*\*\*

De tarde, iminente de lodo, lá sentar-se no banco  
do jardim. (Diminuíram o seu jardim de 40 roseiras  
e uns vermes).

Lesmava debaixo dos bancos. O homem  
sentia-se em ruínas: um lanho em vez de torso era  
sua metáfora.

As ruínas só serviam  
para guardar civilizações e bosta de sapo.  
Amava caracóis pregados em palavras.

\*\*\*

Cortazar conta que quando alguma expressão  
lhe queria soar, ele a camuflava. Assim:  
espectador alivo, virou H especta dor Hativo.  
Com essas vestimentas de HH, aquele lugar  
comum não lhe sujava mais.

\*\*\*

Bicho acostumado na toca, encega com estrela.

\*\*\*

Os grilos de olhos sujos se criam nos armazéns.

\*\*\*

Eu havia de pedir desculpas sobre a  
esperança. Olhares que pesavam malvas.  
Esterco fumegante. O sangue escuro como um  
corte ácido no vaso de uma rês. Tudo me  
perturbava. E mais abaixo, sobre o estrado da  
cama, aquele cheiro de sol na boca  
atormentada de uma fêmea.

\*\*\*

Formiga de banda principal em pé de fedegoso  
anda entortada

\*\*\*

Marandovás me ensinam, com seu corpo de san-  
fona, a andar entortadas.

## Pequena História Natural

### A Nossa Garça

Penso que têm nostalgia de mar estas garças  
pantaneiras. São viúvas de Xaralês? Alguma  
coisa em azul e profundidade lhes foi arrancada.  
Há uma sombra de dor em seus vãos. Assim,  
quando vão de regresso aos seus ninhos, enchem  
de entardecer os campos e os homens.

Sobre a dor dessa ave há uma outra versão,  
que eu sei. E a de não ser ela uma ave canora.  
Pois que só grasna — como quem rasga uma  
palavra.

De cantos portanto não é que se faz a beleza  
desses pássaros. Mas de cores e movimentos.  
Lembram Modigliani. Produzem no céu  
iluminuras. E propõem esculturas no ar.

A Elegância e o Branco devem muito às  
garças.

Chegam de onde a beleza nasceu?

Nos seus olhos nublados eu vejo a flora dos  
corixos. Insetos de camalotes florem de suas  
rémgies. E andam pregados em suas carnes  
larvas de sapos.

Aqui seu vôo adquire raízes de brejo. Sua arte  
de ver caracóis nos escuros da lama é um dom  
de brancura.

A força de brancuras a garça se escora em  
versos com lodo?

(Acho que estou querendo ver coisas demais  
nestas garças. Insinuando contrastes (ou  
conciliações?) entre o puro e o impuro, etc. etc.  
Não estarei impregnando de peste humana esses  
passarinhos? Que Deus os livre!)

### De Quati

Aparece um quati escoteiro. De certo  
perseguido de cachorro. No chão é ente  
insuficiente o quati. Imita ser baleado. O rabo  
desequilibra de tanto rente na terra.  
Agora, se alcança árvore, quati arma banzé.  
Arrepanha. Monta episódio. E até chinga  
cachorro.

Igual é o tamanduá. Fora do mato, no limpo,  
tamanduá nega encrenca. Porém se encontra  
zamboada, vira gente. E desafia cachorro,  
onça pintada, tenente.

### O quero-quero

Natureza será que preparou o quero-quero para  
o mister de avisar? No meio-dia se você estiver  
fazendo sesta completa, ele interrompe. Se está  
o vaqueiro armando laço por perto, em lugar  
despróprio, ele bronca. Se está o menino  
caçando inseto no brejo, ele grita naquele som  
arrehado que tem parte com arara. Defende-  
se como touro. E faz denúncias como um  
senador romano.

Quero-quero tem uma vida obedecida,  
contudo. Ele cumpre Jesus. Cada dia com sua  
tarefa. Tempo de comer é tempo de comer.  
Tempo de criar, de criar.

E pássaro mais de amar que de trabalhar. (...)

6 Brasília, domingo,  
5 de julho de 1987

“Me encanto com os palhaços  
pungir as verdades. Entre o or

# O poeta-a

RUI NOGUEIRA  
Subeditor de Cultura

**U**ma passagem de ida e volta a Paris, Londres ou Nova Iorque, com tudo pago, se você souber quem é Manoel de Barros. Uma dica: ele “apareceu” no programa de TV Pantanal — Os Caminhos Para a Sobrevivência levado ao ar pela Rede Manchete ano passado.

Você não sabe, mas pode ficar tranqüilo. Eu não sei, tu não sabes, ele não sabe, nós não sabemos, vós não sabeis, eles não sabem. Dos 130 milhões de brasileiros apenas zero vírgula zero, zero, zero, zero... sabem. Cada país tem a vergonha nacional que merece.

Em vez de uma viagem para uma dessas capitais do colonialismo cultural nosso de cada dia, podemos marcar uma passagem, só ida, para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para conhecer “esse tal de Manoel de Barros” que Carlos Drummond de Andrade considera “o maior poeta vivo do Brasil”. E não é troca de gentilezas entre profissionais da palavra. Para satisfazer a curiosidade: no programa da TV Manchete sobre o Pantanal, Manoel de Barros teve três poemas incluídos pelo realizador Washington Novaes. Ninguém prestou muita atenção, afinal não se tratava de nenhum poeta “tchã”. Também, quem manda ele viver em Campo Grande. Enquanto não inventarem o eixo Rio-São Paulo-Campo Grande, Manoel de Barros será sempre o “maior poeta esquecido” do Brasil. Já é qualquer coisa.

FOTO DE: F

Ma